

BIOGRAFIAS TÓXICAS EM PORTUGAL: CONTAMINAÇÃO, MEMÓRIA E RESISTÊNCIA

SÉRGIO PEDRO*

LÚCIA FERNANDES**

Resumo: O presente artigo apresenta o projeto internacional TOXIC BIOS, um projeto em formato aberto que visa co-produzir e visibilizar histórias de contaminação e resistência. A sua metodologia de investigação assenta na autobiografia tóxica, uma ferramenta-protótipo de contra-história de fenómenos de violência lenta, que visa possibilitar a intervenção cidadã na primeira pessoa de indivíduos e grupos marginalizados, denunciando a injustiça ambiental em que se sentem presos.

O presente artigo analisará a experiência do processo de investigação realizado pela Oficina de Ecologia e Sociedade, do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, enquanto dinamizadora do projeto em Portugal.

Palavras-chave: biografia; contaminação; transdisciplinaridade; violência lenta; metodologia.

Abstract: The present article analyses the research project TOXIC BIOS, an open project that aims to co-create and make visible the histories of toxic contamination and resistance.

Its research methodology is based on the toxic autobiography, a prototype tool with the scope to co create a counter-history of slow violence phenomena, and aimed at enabling citizen intervention in the first person of marginalized individuals and groups, denouncing the environmental injustice in which they feel imprisoned.

This article will analyse the experience in the research process carried out by the Ecology and Society Workshop, Centre for Social Studies of the University of Coimbra, as facilitator of the project in Portugal.

Keywords: biography; contamination; transdisciplinarity; slow violence; methodology.

* Centro de Estudos Sociais (CES), Universidade de Coimbra. Email: sergiopedro@ces.uc.pt.

** Centro de Estudos Sociais (CES), Universidade de Coimbra. Email: luciaof@ces.uc.pt.

INTRODUÇÃO

Sendo uma contração da expressão *Autobiografias Tóxicas*, o TOXIC BIOS é um projeto do KTH Environmental Humanities Laboratory, em Estocolmo (financiado pelo *Seed Box, Mistra-Forms Environmental Humanities Collaborative*) com a participação de vários países para a co-criação de autobiografias de casos de contaminação tóxica¹.

A autobiografia tóxica é um resultado distinto de grupos marginalizados que denunciam a injustiça ambiental em que se sentem presos², quebrando o silêncio das vozes subalternizadas e excluídas daquelas/es que experimentam as desigualdades desses atos de injustiça e as consequências da colonização do conhecimento³.

Assumindo a produção de conhecimento, na sua perspectiva processual, como um elemento importante do debate epistemológico sobre a ontologia do conhecimento produzido pela academia e o seu engajamento com a realidade contemporânea, este artigo tem como objetivo apresentar uma reflexão sobre o processo de produção participativa de conhecimento por parte da oficina de Ecologia e Sociedade do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra (ECOSOC-CES) no projeto transnacional TOXIC BIOS, coordenado pelo professor Marco Armiero.

Abordando aspetos bem conseguidos e dificuldades, a presente análise visa contribuir para a reflexão transdisciplinar sobre o «saber-fazer» de formas alternativas de comunicação e de pesquisa dentro da academia, em contacto direto, horizontal e participado com a sociedade. Nos pontos seguintes do artigo será analisada a matriz metodológica do projeto, considerando a sua articulação entre as biografias e temas abordados, a visão altermundista do mesmo, nomeadamente o seu contributo para a justiça intergeracional e enquanto mecanismo de empoderamento dos cidadãos/ãos.

MATRIZ METODOLÓGICA DO PROJETO

Visando abordar o estudo das relações entre fatores políticos, económicos, sociais e questões ambientais, o projeto TOXIC BIOS adota a perspectiva epistemológica da ecologia política, designação desenvolvida por Thone⁴, utilizando como veículo de comunicação a autobiografia, evidenciando assim situações cientificamente relevantes relatadas na primeira pessoa.

Sendo o seu escopo a análise de situações de contaminação tóxica, a metodologia de autobiografia tóxica é neste âmbito considerada enquanto uma ferramenta de narrativa de guerrilha, estratégia que visa contrariar a sedimentação da História através das

¹ TOXIC BIOS, 2019.

² ARMIERO & SEDREZ, 2014.

³ SANTOS, 2010.

⁴ THONE, 1935.

narrativas de opressão, mobilizando as narrativas contra-hegemónicas das experiências incorporadas de toxicidade e desperdício vivenciadas pelos seus intervenientes diretos⁵.

O exercício desta última narrativa tem assim subjacente uma estratégia contra-hegemónica deliberada, desafiando as narrativas normativas sobre progresso, os comuns e ciência.

No âmbito da sua matriz metodológica, o projeto visa 1) a realização da pesquisa participada sobre contaminação e resistência individual e coletiva; e 2) a valorização da autobiografia tóxica enquanto criação distinta de grupos marginalizados, denunciando assim a injustiça ambiental em que se sentem presos. Ademais, a conceção da autobiografia tóxica enquanto narrativa de guerrilha, visa a construção de um protótipo de contra-história de fenómenos de violência lenta⁶, abordando fenómenos de contaminação ambiental de génese humana de impactos verificados no longo termo, frequentemente desconsiderados nos processos de análise de impacto ambiental e tecnológico.

Procurando refletir sobre as barreiras da metodologia científica tradicional, a matriz metodológica adotada pelo projeto visa igualmente aprofundar a compreensão da ciência participativa como resultado da influência de diferentes variáveis sociais, políticas, culturais e éticas⁷ e o conseqüente desaparecimento da distinção entre poder (ciência) e verdade (social)⁸. Ao adotar uma compreensão ontológica da autobiografia como um ato de empoderamento do processo de produção de conhecimento que aborda a exclusão epistémica das pessoas e comunidades afetadas, questionando a dominação e a cooptação da história, a equipa do ECOSOC-CES⁹ adotou como diretriz de ação a linguagem da co-produção¹⁰ enquanto processo contínuo de trabalho e mobilização de diferentes ideias, formas de conhecimento e perspetivas, e de desenvolvimento de confiança entre as/os interessados¹¹.

Adotando um contexto geograficamente amplo e cronologicamente ilimitado, o projeto construiu uma rede de colaboração entre centros de pesquisa, movimentos socioambientais de base, jornalistas e profissionais da cultura, visando a coordenação local ou nacional do trabalho de pesquisa e recolha de narrativas. Os centros de coordenação existentes até ao momento encontram-se distribuídos em sete países (Brasil, Grécia, Itália, Portugal, Espanha, Suécia e Turquia), sendo objetivo futuro do projeto a adesão de novos centros de coordenação em novos países. Apresenta-se em seguida o mapa geral das biografias de todos os países participantes até final de 2018.

⁵ TOXIC BIOS, 2019.

⁶ NIXON, 2011.

⁷ LATOUR, 1999.

⁸ CALLON, 1986.

⁹ Stefania Barca, Lúcia Fernandes, Rita Brás e Sérgio Pedro.

¹⁰ JASANOFF, 2004.

¹¹ De MARCHI & FUNTOWICZ, 2003.

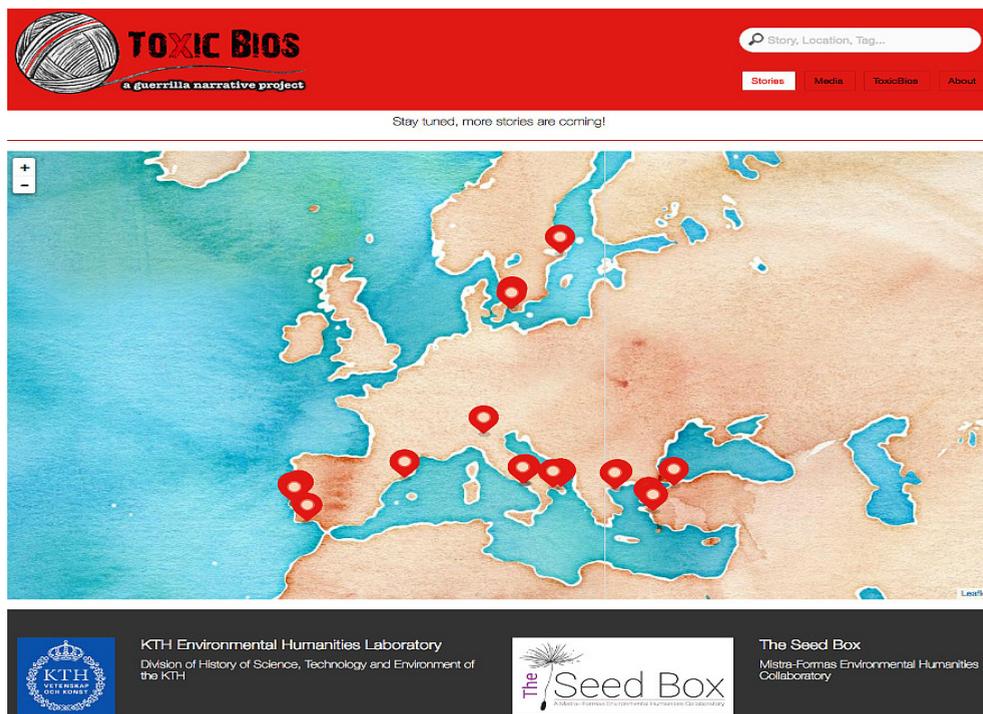


Figura 1. Abertura do site TOXIC BIOS¹².

No âmbito do trabalho das equipas nacionais, a Oficina de Ecologia e Sociedade do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra (ECOSOC-CES) é a entidade responsável pela coordenação da recolha de autobiografias em Portugal, tendo divulgado em início de 2017 um convite público¹³ para a submissão de autobiografias e convidado um grupo de pessoas previamente identificadas em projetos de investigação anteriores liderados pela ECOSOC-CES ([1] EJAAtlas e [2] Portugal: Ambiente em Movimento¹⁴) a submeterem a sua autobiografia tóxica.

¹² TOXIC BIOS, 2019.

¹³ O texto do convite pode ser consultado em <https://www.ces.uc.pt/ecosoc/index.php?id=8756&id_lingua=1&pag=17492>.

¹⁴ Mais informações em <www.ambientemovimento.org e <https://ejatlas.org/country/portugal>>.



Figura 2.

Não obstante a reduzida adesão inicial à chamada pública, a equipa nacional recolheu 13 autobiografias em formato vídeo, texto, som ou imagem (Figura 3) de pessoas de todo o território continental, tendo algumas das autobiografias recolhidas em formato vídeo sido realizadas de forma coletiva, dando assim conta das autobiografias tóxicas de duas, três, ou quatro pessoas que experienciaram os impactos da mesma fonte de contaminação tóxica¹⁵.



Figura 3. Mapeamento das autobiografias recolhidas em Portugal até 31/01/2019¹⁶.

¹⁵ É o caso das autobiografias tóxicas de António Gameiro, Carla Pereira, Manuel Rodrigues e Maria Luísa, sobre a contaminação da Ribeira da Boa Água, situada no Rio Almonda, Torres Novas. Mais informação sobre estas autobiografias tóxicas em <<http://www.toxicbios.eu/#/stories>>.

¹⁶ TOXIC BIOS, 2019.

A construção do mapa português assentou na preocupação da diversidade e respeito da escolha efetuada pela pessoa retratada quanto ao formato da autobiografia tóxica. Deu-se especial relevância a que as autobiografias tóxicas abordassem os vários tipos de impactos da contaminação antropogénica (via solo, ar, água) nos corpos, ambientes e comunidades, bem como situações de justificado receio de contaminação futura. É o caso da autobiografia tóxica José Luís Almeida, que, em depoimento em vídeo expõe a história da mobilização da população de Ferrel do concelho de Peniche contra a construção de uma central de energia nuclear, ou a autobiografia de Marisa Matias, deputada europeia, que retrata em depoimento áudio a história da mobilização ocorrida em Souselas, Coimbra, contra o uso da tecnologia de co-incineração de resíduos industriais na cimenteira já existente nessa localidade, que iria trazer ainda mais impactos ao ambiente e saúde do que já existem com o funcionamento normal desta atividade industrial¹⁷.

Diversidade esta que se manifesta na linha temporal considerada nas autobiografias tóxicas recolhidas, abarcando em algumas situações uma linha temporal de mais de 20 anos de participação em diversos processos de mobilização ambientalista, como é o caso das autobiografias tóxicas de José Carlos Marques¹⁸ e de José Luís Almeida, ou uma linha temporal reduzida, como é o caso da autobiografia tóxica de Filipe Veríssimo, que não tinha anteriormente nenhuma ligação a processos de ativismo ambiental¹⁹.

De igual forma, a diversidade também se evidencia no nível de atuação do indivíduo e da situação de contaminação tóxica retratados, apresentando algumas autobiografias tóxicas uma visão/atuação locais, enquanto que em outras se evidencia uma atuação simultaneamente local e nacional, interligando-se em alguns casos também a ligação com as atuações internacionais sobre o tema em causa.

Podendo o processo autobiográfico registar tanto experiências pessoais como coletivas, a maioria das autobiografias tóxicas recolhidas pela equipa nacional articulam a experiência individual e coletiva de mobilização contra o processo de contaminação tóxica, retratando de forma temporalmente situada ações transformadoras que visam desafiar o poder²⁰, e que realinham o conceito de sustentabilidade através do seu diálogo sobre a injustiça ambiental sofrida pelas comunidades subalternas e suas lutas²¹ contribuindo concomitantemente para a construção de estratégias voltadas para a sustentabilidade no Norte e Sul Globais²².

¹⁷ Esta biografia será disponibilizada em breve no site do projeto TOXIC BIOS. Mais informação sobre estas autobiografias tóxicas em <<http://www.toxicbios.eu/#/stories>>.

¹⁸ Biografia em formato texto (a ser disponibilizada em breve no site do projeto TOXIC BIOS).

¹⁹ Mais informação sobre estas autobiografias tóxicas em <<http://www.toxicbios.eu/#/stories>>.

²⁰ HAIVEN & KHASNABISH, 2014.

²¹ VELICU & KAIKA, 2015.

²² AGYEMAN, 2008.

Através da realização do trabalho da equipa nacional, tornou-se evidente que a metodologia de autobiografia tóxica apresenta características que se adequam à diversidade dos intervenientes e suas formas de expressão, bem como das dinâmicas subjacentes à memória individual e coletiva de mobilização contra as injustiças ambientais retratadas.

A plasticidade da metodologia adotada permite não só a recolha fidedigna na primeira pessoa de memórias pessoais e coletivas, envolvendo atores cujas vozes são frequentemente desconsideradas no processo de investigação das ciências sociais, como possibilita de igual forma a adaptação da morfologia processual em razão do objeto epistemológico considerado.

Não obstante o facto de a maioria das autobiografias tóxicas recolhidas pela equipa nacional terem sido registadas em formato vídeo, na totalidade das autobiografias registadas é possível efetuar a leitura da presença de dados frequentemente desconsiderados quando comparados com outras metodologias de registo próprias das Ciências Sociais. O registo das emoções, a articulação entre memórias e temas, a omnipresença de uma visão altermundista e de justiça intergeracional são alguns dos elementos que destacamos em seguida.

a) O registo das emoções através dos diferentes formatos de autobiografia

Através do registo livre das autobiografias tóxicas recolhidas, tornou-se possível transmitir de forma direta as emoções dos intervenientes que acompanham o ato de relato de memórias de contaminação tóxica. O sofrimento humano, de outros seres vivos e do ambiente natural, o sentimento de angústia pela desvalorização dos conhecimentos locais, e o sentimento de impotência pela falta de acesso e participação na construção da informação que influenciou decisões com impacto no espaço público e individual, são emoções recorrentes nas autobiografias tóxicas recolhidas.

As autobiografias tóxicas recolhidas revelam testemunhos de contaminação por diversos tóxicos, bem como a ameaça constante de contaminação, acompanhada pelo medo e a incerteza do impacto destas forças tóxicas, reportando a uma constante afetação transcóporal, onde as fronteiras interiores e exteriores de pessoas e corpos não são rígidas²³.

Além do relato da memória de doenças (não só física, mas também mental), os vídeos, áudios e textos recolhidos evidenciam memórias de histórias, perplexidades e angústias relacionadas ao território, ao conhecimento, à herança imaterial da comunidade, à aprendizagem e ao senso de conexão existentes e co-construídos com o local, bem como a construção de alternativas em torno da contaminação.

²³ ALAIMO, 2010.

Exemplo desta situação é a autobiografia tóxica de Arlindo Marques, ativista descendente de pescadores que tem vindo a expor publicamente o impacto da poluição do rio Tejo decorrente da atividade industrial nas suas margens. Na sua autobiografia tóxica, registada em formato vídeo, Arlindo expõe numa margem do rio Tejo as ocorrências de descargas ilegais e o seu impacto na flora e fauna do local. Este relata os acontecimentos de forma distante, ainda que visivelmente consternado. Todavia, ao minuto 16:50 e seguintes da sua autobiografia tóxica, a sua ação de pegar no leito do rio, um pargo morto por contaminação e o atirar de forma violenta para trás do seu caminho (Figura 4) evidencia um conflito entre o eu e o espaço, entre o estado atual daquele local e as suas memórias de infância de quando ali pescava, com o seu pai de forma recreativa e para subsistência da sua família.



Figura 4. Arlindo Marques evidencia o impacto da poluição do rio Tejo, resgatando do rio um pargo morto pela contaminação²⁴.

b) A articulação entre histórias e temas

É possível identificar em várias narrativas biográficas um discurso que articula a experiência individual com a resistência do coletivo, bem como a articulação de várias causas, lutas, temas e desejos que levaram à contaminação e/ou mobilização popular, revelando uma interconexão com o biológico, o económico e o sistema de produção e consumo industriais, entre outros aspetos.

²⁴ TOXIC BIOS, 2019.

Exemplo deste fato é a autobiografia tóxica de José Luís Almeida (Figura 5), jornalista do Jornal Gazeta das Caldas, que participou no movimento ambientalista da década de 70 do século XX contra a construção de uma central nuclear em Ferrel, Peniche, e que relata de forma bem documentada o contexto do movimento ambientalista nos pós 25 de Abril.



Figura 5. José Luís Almeida relata a evolução da mobilização ambientalista de escala internacional contra a construção de uma central nuclear em Ferrel, Peniche²⁵.

Ao explorar a interconexão entre história pessoal e história coletiva a metodologia de autobiografia adotada pelo projeto expõe na primeira pessoa o processo de construção de cada história, tornando evidente o impacto da intervenção do indivíduo em rede, em associação com outros/diferentes atores — humanos e não humanos — e as suas dinâmicas — (re)definido o contexto ao se associarem e participarem de alianças, conflitos e processos de mediação²⁶.

Não obstante a interligação nacional da maioria dos intervenientes das autobiografias recolhidas pela equipa nacional constatou-se no decorrer do processo de trabalho, particularmente numa fase inicial de mapeamento, a existência de um esparso registo histórico ambiental de Portugal, nomeadamente antes de 1974 (décadas de ditadura de 1926 a 1974), especificamente no tocante aos seus atores e processos de mobilização coletiva. Este mesmo facto evidenciou a desconexão histórica entre os movimentos de justiça ambiental em Portugal, em particular no que diz respeito aos processos de divulgação da

²⁵ TOXIC BIOS, 2019.

²⁶ CALLON, 1986; LATOUR, 1999.

situação de rutura da osmose ambiental na esfera pública e à mobilização da sociedade civil contra ela, representando assim uma perda de conhecimento relevante.

c) A visão altermundista e de justiça intergeracional

Ainda assim, as narrativas revelaram uma porosidade permeada por histórias que se cruzam e outras que divergem, considerando que o espaço onde se situam representa uma considerável influência na construção do eu e nos traços de personalidade dos indivíduos. Este elemento é tornado ainda mais evidente através do registo de autobiografias distintas (registadas em encontro das pessoas e conversa coletiva) sobre uma mesma fonte de contaminação tóxica, propícias para a criação e verificação da existência de múltiplos mundos²⁷, como é o caso das autobiografias tóxicas sobre a contaminação da Ribeira da Boa Água em Torres Novas.



Figura 6. Autobiografias tóxicas de António Gameiro, Carla Pereira, Manuel Rodrigues e Maria Luísa, sobre a contaminação da Ribeira da Boa Água, situada no Rio Almonda, Torres Novas²⁸.

Tornando visível a ecologia de saberes²⁹, diálogo horizontal de conhecimentos que valoriza os conhecimentos subalternizados, co-construído pelo conhecimento das comunidades locais afetadas pelas fontes de contaminação tóxica, as autobiografias coletadas consideram a injustiça intergeracional desse epistemicídio³⁰ face aos saberes tradicionais locais e práticas não hegemónicas de interação entre humanos e ambiente.

²⁷ ESCOBAR, 2015.

²⁸ TOXIC BIOS, 2019.

²⁹ SANTOS, 2007.

³⁰ SANTOS, 2010.

A partilha de memórias na primeira pessoa expõe a voz do descontentamento cívico pela falta de informações oficiais sobre as consequências da contaminação tóxica que atinge as pessoas que atualmente vivem com a contaminação, bem como a preocupação do seu impacto para as gerações futuras e para a perpetuação da injustiça ambiental. Um ato que contribui para uma mudança de representações simbólicas e concretas da natureza para os seres humanos³¹.

d) Um mecanismo de empoderamento das/os cidadãs/ãos e político

A construção por parte das entidades poluidoras e entidades auxiliares no processo de contaminação, de uma ideologia do otimismo tecnológico³², que defende que a própria tecnologia pode controlar e solucionar os impactos gerados pelos processos de produção industrial e seus produtos, é um elemento frequentemente referido pelos intervenientes das autobiografias tóxicas recolhidas pela equipa nacional. Em todas estas se torna evidente que tal construção é paralela a um processo de consciencialização individual e mobilização coletiva baseada no entendimento e reconhecimento que tais atividades económicas que acompanham as atividades poluidoras, promovem a operacionalização sistémica da natureza como ferramenta para a produção de bens e crescimento das economias de forma insustentável, dominada por grupos económicos internacionalmente articulados, exercendo a hegemonia do poder para a defesa dos seus interesses.

A dialética produção-destruição evocada nas autobiografias é entendida pelos intervenientes enquanto elemento condicionante do direito à dignidade humana, manifestando-se na autobiografia tóxica através do relato dos processos quotidianos de opressão e colonização dos espaços pela *forma mentis* do capitalismo.

O caso mais paradigmático deste processo de consciencialização individual e mobilização coletiva é sem dúvida a autobiografia tóxica de Filipe Veríssimo, maestro que relata o seu processo de tomada de conhecimento dos impactos nefastos do pesticida de síntese glifosato através de uma colaboração da Plataforma Transgénicos Fora no projeto internacional DETOX³³.

³¹ SHIVA, 2009.

³² PORTO & FREITAS, 2006.

³³ Mais informação sobre esta iniciativa em <<https://www.stopogm.net>>.



Figura 7. Na sua autobiografia tóxica, Filipe Veríssimo relata o seu processo de tomada de consciência dos impactos nefastos do pesticida artificial glifosato e as alterações à sua visão de mundo desde então³⁴.

O ato de contar histórias (*storytelling*) patente na metodologia da autobiografia tóxica adotada pelo projeto não visa apenas coletar histórias de contaminação. Este implica igualmente o seu contributo na construção da comunidade. No seu decorrer são criadas ligações humanas que constroem uma ágora narrativa onde formas não-normativas de conhecimento e reflexão são transformadas em conhecimento coletivo. Através do seu foco nas narrativas na primeira pessoa a metodologia adotada contribui concomitantemente para a compreensão do processo de construção de uma comunidade resiliente³⁵.

CONCLUSÃO

Considerando a existência de um contexto de manipulação da história criada de cima para baixo, recorrendo a uma lógica opressiva, o projeto TOXIC BIOS visa ampliar o escopo e posicionamento da intervenção académica dentro da sociedade, mobilizando metodologias flexíveis, participadas e não opressivas de co-criação de conhecimento. De forma aberta e plural, o projeto procura mobilizar atores principais cujas vozes frequentemente não são ouvidas no contexto académico, possibilitando assim que estes, na primeira pessoa contem a sua história de contaminação tóxica, contribuindo concomitantemente para uma mudança de paradigma do contexto de contaminação.

³⁴ TOXIC BIOS, 2019.

³⁵ ARMIERO *et al.*, 2019.

Através deste processo, e especificamente no caso do trabalho da equipa no projeto TOXIC BIOS em Portugal, ficou evidente a contribuição deste processo de diálogo através da utilização do material produzido para reforçar o movimento pela justiça ambiental em Portugal, proporcionando uma avaliação rigorosa de processos históricos particulares, da perspetiva das pessoas e comunidades afetadas.

BIBLIOGRAFIA

- AGYEMAN, Julian (2008) — *Toward a 'just' sustainability?*. «Continuum», vol. 6, n.º 22, p. 751-756. <doi:10.1080/10304310802452487>.
- ALAIMO, Stacy (2010) — *Bodily natures: Science, environment, and the material self*. Bloomington: Indiana University Press.
- ARMIERO, Marco; SEDREZ, Lise (2014) — *A history of environmentalism: Local struggles, global histories*. London: Bloomsbury.
- ARMIERO, Marco; ANDRITSOS, Thanos; BARCA, Stefania; BRÁS, Rita; RUIZ, Sergio; CAUYELA, Çağdaş Dedeoğlu; DI PIERRI, Marica; FERNANDES, Lúcia; GRAVAGNO, Filippo; GRECO, Laura; GREYL, Lucie; LENGU, Ilenia; LINDBLOM, Julia; MILANEZ, Felipe; PEDRO, Sérgio; PAPPALARDO, Giusy; PETRILLO, Antonello; PORTALURI, Maurizio; PRIVITERA, Elisa; SARI, Ayşe Ceren; VELEGRAKIS, Giorgos (2019) — *Toxic Bios: Toxic Autobiographies – A Public Environmental Humanities Project*. «Environmental Justice», vol. 1, n.º 12. <doi.org/10.1089/env.2018.0019>.
- CALLON, Michel (1986) — *The sociology of an actor-network: the case of the electric vehicle*. In CALLON, Michel. *et al., eds. — Mapping the dynamics of science and technology*. London: Macmillan, p. 19-34.
- DE MARCHI, Bruna; FUNTOWICZ, Silvio (2003) — *Ciência pós-normal, complexidade reflexiva e sustentabilidade*. In LEFF, org. — *Epistemologia ambiental*. 2.ª edição. São Paulo: Cortez Editora, p. 65-98.
- ESCOBAR, Arturo (2015) — *Territorios de Diferencia: la ontología política de los 'derechos al territorio'*. «Cuadernos de Antropología Social», n.º 41, p. 25-38.
- PORTO, Marcelo; FREITAS, Carlos (2006) — *Saúde, ambiente e sustentabilidade*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ.
- HAIVEN, Max; KHASNABISH, Alex (2014) — *The Radical Imagination: Social Movement Research in the Age of Austerity*. London: Zed Books.
- JASANOFF, Sheila (2004) — *The idiom of co-production*. In JASANOFF, Sheila — *States of knowledge: The co-production of science and social order*. London: Routledge.
- LATOUR, Bruno (1999) — *Pandora's hope: essays on the reality of science studies*. London: Harvard University Press. Harvard.
- NIXON, Rob (2011) — *Slow Violence and the Environmentalism of the Poor*. Harvard: Harvard University Press.
- SANTOS, Boaventura (2007) — *Para Além do Pensamento Abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes*. «Novos Estudos Cebrap», n.º 79, novembro, p. 71-94.
- (2010) — *Descolonizar el saber, reinventar el poder*. Montevideo: Ediciones Trilce. Disponível em <[https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/44164/1/Descolonizar el saber, reinventar el poder.pdf](https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/44164/1/Descolonizar%20el%20saber,%20reinventar%20el%20poder.pdf)>. [Consulta realizada em 12/01/2019].
- SHIVA, Vandana (2009) — *Resources*. In SACHS, Wolfgang, ed. — *The development dictionary a guide to knowledge as power*. 2.ª edição. London: Zed Books, p. 228-242.
- THONE, Frank (1935) — *Nature rambling: we fight for grass*. «The Science Newsletter», vol. 27, janeiro, p. 5-14.

TOXIC BIOS (2019) — Site do projeto. Disponível em <<http://www.toxicbios.eu/>>. [Consulta realizada em 12/01/2019].

VELICU, Irina; KAIKA, Maria (2015) — *Undoing environmental justice: Re-imagining equality in the Rosia Montana anti-mining movement*. «Geoforum», n.º 84, p. 305-315. Disponível em <<https://doi.org/10.1016/j.geoforum.2015.10.012>>.